

Luiz Francisco Rebello

A DESOBEDIÊNCIA

Campo do Teatro



A DESOBEDIÊNCIA

Autor: Luiz Francisco Rebello

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

Ilustração da capa: Joana Quental

© CAMPO DAS LETRAS - Editores, S.A., 1998

Rua de D. Manuel II 33 5º S-54 4050 Porto

Impressão: Papelmundie, SMG, Lda. - V. N. de Famalicão

1ª edição: Junho de 1998

Depósito legal: 124665/98

ISBN 972-610-085-2

Código de barras: 9789726100850

Colecção: Campo do Teatro - 1

LUIZ FRANCISCO REBELLO

A Desobediência

PEÇA EM 3 ACTOS,
1 PRÓLOGO E 1 EPÍLOGO



Nota introdutória

Quando, em 1991, li o primeiro dos dois livros que o jornalista Rui Afonso escreveu sobre o cônsul Aristides Sousa Mendes e a extraordinária aventura de que foi protagonista, tive a imediata percepção de que aqueles três dias angustiadamente vividos em Julho de 1940 entre Bordéus e a fronteira franco-espanhola constituíam a substância de uma efabulação impregnada de fortíssima potencialidade dramática. A exemplaridade da personagem, as contradições da sua personalidade, o seu comportamento na situação-limite em que se viu obrigado a uma decisão de consequências gravíssimas (para ele, para os seus próximos e para milhares de seres humanos), o enquadramento sócio-político em que a sua opção foi tomada, — tudo concorria para estimular a imaginação de um dramaturgo. Não admira, pois, que haja formado então o desígnio de, quando as circunstâncias da minha vida profissional o permitissem, tentar escrever o drama de que então apenas antevia o núcleo essencial.

Mas algum tempo depois estreava-se nos cinemas de Lisboa A Lista de Schindler, o belo e impressionante filme de Steven Spielberg; e o ímpeto inicial esmoreceu. Eram demasiadas as semelhanças entre as duas histórias (para além, claro, das enormes diferenças de superfície) para que não se pensasse num aproveitamento oportunístico de um tema que a aproximação do cinquentenário do final da 2ª Guerra Mundial trouxera ao primeiro plano. Porém, ao mesmo tempo pensei que seria injusto manter no esquecimento — o que se compreendia até Abril de 74, mas de então para cá era inexplicável —

a figura e o exemplo deste homem que, como o protagonista do filme de Spielberg (e porventura ainda mais do que este), sacrificara tudo pela salvação de milhares de vidas.

Entretanto, publicou-se um segundo e mais documentado livro de Rui Afonso, a RTP exibiu um documentário de Diana Andringa, Júlia Nery escreveu um romance, foi prestada uma homenagem nacional ao cônsul que ousara desobedecer às ordens de Salazar, em que modestamente colaborei (por sugestão de Maria Barroso) com um pequeno texto evocativo, a várias vozes, do "caso Sousa Mendes". Tudo isto fez renascer o projecto de anos atrás — e no Verão de 1995, durante uma viagem aérea de dez horas, a estrutura da peça (deliberadamente tradicional, mau-grado a acção do prólogo se situar entre o 1º e o 2º actos, o episódio intercalar do último acto e o final polifónico) e a sequência das suas cenas desenharam-se-me no espírito com tão grande nitidez que poucas foram as alterações introduzidas na versão final, concluída antes ainda do fim do ano.

Os dois livros de Rui Afonso constituíram a fonte principal de informações utilizada. Outras obras foram consultadas, relativas ao período histórico em que a acção decorre. Mas, se a situação central e alguns episódios correspondem, nas suas grandes linhas, à realidade, nem por isso a ficção se demitiu dos seus direitos: o que terá acontecido mistura-se assim com o que poderia ter acontecido, as palavras efectivamente ditas com as palavras imaginadas... Ou não estaríamos no teatro.

Quase todas as personagens mantêm os nomes reais. Porém, algumas são a simbiose de criaturas diversas, de entre as dezenas de milhares que ficaram a dever a vida a Aristides Sousa Mendes — a cuja memória e exemplo esta peça é dedicada.